

Nos EUA, Maduro se declara inocente e diz ser presidente sequestrado

Em sua primeira audiência, Maduro disse ser presidente sequestrado da Venezuela

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)

O ditador deposto da Venezuela, Nicolás Maduro, compareceu a um tribunal em Nova York, nesta segunda-feira (5), pela primeira vez desde que foi capturado pelos Estados Unidos no fim de semana. Tanto ele quanto sua esposa, Cilia Flores, declararam-se inocentes durante a audiência de pouco mais de meia hora.

O juiz Alvin Hellerstein, responsável pelo caso, ordenou que Maduro compareça novamente à corte no dia 17 de março para a próxima audiência. Já se esperava que a primeira audiência fosse breve. O prazo para o fim do julgamento, no entanto, é incerto - segundo a imprensa americana, todo o processo pode demorar mais de um ano.

Maduro entrou na sala vestindo uma camisa azul-marinho por cima do uniforme laranja da prisão e usando um fone de ouvido, provavelmente para tradução. Sua esposa, com trajes semelhantes, estava sentada ao seu lado. Ao se identificar perante a corte, falou em espanhol que é o presidente da Venezuela e está ali sequestrado, além de se declarar inocente, como previsto.

“Sou inocente. Não sou culpado. Sou um homem decente”, afirmou Maduro. Ao começar a falar que havia sido capturado em sua casa, na Venezuela, o juiz Alvin Hellerstein, responsável pelo



Nicolás Maduro comparecerá novamente à corte em audiência marcada para o dia 17 de março

caso, disse que haveria “tempo e lugar para abordar tudo isso”. Cilia também se declarou “inocente, completamente inocente”.

O juiz interrompeu Maduro cada vez que ele tentou falar: “Ainda sou o presidente de meu país”. O líder afirmou ainda que tem as acusações em mãos “pela primeira vez” e que desconhece seus direitos. O ditador vai responder a acusações de crimes como narcoterrorismo, conspiração para importar cocaína

e porte ilegal de armas.

Questionado pelo juiz, o promotor afirma que Maduro foi detido pelas autoridades às 11h30 de 3 de janeiro de Nova York (13h30 no Brasil), sem citar a operação militar que resultou na captura do líder.

O advogado do ditador, Barry Pollack, afirmou que “há dúvidas sobre a legalidade de seu sequestro militar” e que, por enquanto, não vai pedir sua liberdade sob fiança, mas que poderá fazê-lo em

breve. Ele acrescentou que Maduro tem problemas de saúde que precisarão de atenção.

Já o advogado de Cilia disse que ela sofreu ferimentos que precisarão de tratamento. De acordo com jornalistas presentes, a agora ex-primeira-dama da Venezuela estava com um curativo na testa e parecia estar com um hematoma perto do olho direito.

“Sou um prisioneiro de guerra”, afirmou Maduro ao sair do

tribunal. O líder ouviu em espanhol, de um homem da galeria, que ele pagaria por seus crimes. O ditador respondeu, então, que conquistaria sua liberdade.

Manifestantes se reuniram em frente ao tribunal, no centro de Manhattan, tanto para protestar contra a invasão americana quanto para comemorar a prisão do ditador. Os dois grupos estavam separados por uma cerca.

Os promotores afirmam que Maduro é o chefe de um cartel de autoridades políticas e militares venezuelanas que conspiraram durante décadas com grupos de tráfico de drogas e organizações designadas pelos EUA como terroristas para traficar milhares de toneladas de cocaína.

Maduro foi indiciado pela primeira vez em 2020 como parte de um longo processo de tráfico de drogas contra autoridades venezuelanas atuais e antigas e guerrilheiros colombianos.

Na nova acusação, revelada no sábado, os promotores afirmam que Maduro supervisionou pessoalmente uma rede de tráfico de cocaína patrocinada pelo Estado que fez parceria com alguns dos grupos de tráfico de drogas mais violentos do mundo, incluindo os cartéis mexicanos Sinaloa e Zetas, o grupo paramilitar colombiano Farc e a gangue venezuelana Tren de Aragua.

‘Chega’, diz premiê da Groenlândia após nova ameaça de invasão de Donald Trump

A primeira-ministra da Dinamarca, Mette Frederiksen, e o premiê da Groenlândia, Jens-Frederik Nielsen, rejeitaram de maneira incisiva novas ameaças de anexação da Groenlândia feitas por Donald Trump. No domingo (4), em entrevista à revista The Atlantic, o presidente americano, embalado pela intervenção na Venezuela, voltou a dizer que o território dinamarquês no Ártico é de interesse dos EUA.

“Chega”, escreveu Nielsen no Facebook. “Chega de insinuações. Chega de fantasias sobre anexação. Estamos abertos ao diálogo, mas isso deve acontecer pelos canais adequados e respeitando o direito internacional”, declarou o governante do território autônomo, parte do reino

na Dinamarca desde o século 18.

Frederiksen também reagiu imediatamente, afirmando que os EUA “não têm absolutamente nenhum direito de anexar a Groenlândia” e que deveriam parar de fazer ameaças “contra um aliado histórico e contra um país e um povo que já deixaram claro que não estão à venda”.

“Infelizmente, acho que o presidente americano deve ser levado a sério”, disse a primeira-ministra à DR, a emissora pública dinamarquesa.

Ainda na noite domingo, Noruega, Suécia e Finlândia saíram em defesa do vizinho escandinavo. “A Groenlândia é parte integrante do Reino da Dinamarca. A Noruega se solidariza plenamente com o Reino da Dinamarca”, es-

União Europeia



Mette Frederiksen de um basta nas ameaças de Trump

creveu no X o primeiro-ministro noruguês, Jonas Gahr Store.

“Somente a Dinamarca e a Groenlândia têm o direito de decidir sobre assuntos que dizem respeito à Dinamarca e à Groenlândia”, afirmou o premiê sueco, Ulf Kristersson. Na mesma linha foi o presidente finlandês, Alexander Stubb: “Ninguém decide pela Groenlândia e pela Dinamarca, exceto a própria Groenlândia e a Dinamarca”.

Nesta segunda-feira (5), foi a vez da França reiterar seu apoio à Dinamarca. Porta-voz do mi-

nistério das Relações Exteriores, Pascal Confavreux declarou à imprensa francesa que “fronteiras não podem ser alteradas à força”. “A Groenlândia pertence ao povo da Groenlândia e ao povo da Dinamarca. Cabe a eles decidir o que desejam fazer.”

“Isso é indiscutível na Europa, e nossa unidade europeia sobre essa questão também é perfeitamente clara”, disse também nesta manhã Johann Wadephul, ministro das Relações Exteriores da Alemanha.

Lembrando que o território faz parte da Otan, a aliança militar ocidental, e está inserido na discussão de segurança do Ártico, Wadephul ponderou: “Isso não se confunde com a integralidade do território da Groenlândia e da Dinamarca”.

Frederiksen também abordou a questão da Otan e o nó geopolítico que seria uma invasão americana ao território autônomo. “Se os EUA atacarem outro país da OTAN, tudo para.”

“Nós precisamos de verdade da Groenlândia. Para a nossa defesa”, havia declarado Trump à The

Atlantic um dia antes. O bilionário voltou ao assunto ao falar com jornalistas a bordo do Air Force One, descrevendo a região no Ártico como um lugar repleto de “embarcações russas e chinesas”.

Na conversa, o presidente americano fez ameaças também contra Colômbia, Cuba, México e Irã. E chegou a soltar um prazo para tratar da Groenlândia, “uns dois meses”. “Vamos conversar sobre o assunto em 20 dias”, disse Trump, fazendo referência à União Europeia.

“A UE continuará a defender os princípios da soberania nacional”, declarou porta-voz do bloco no briefing de imprensa do bloco, nesta segunda-feira. Keir Starmer, premiê britânico, foi mais enfático: “Eu estou do lado dela [Frederiksen]”.

“A ação do presidente Trump na Venezuela coloca seus aliados em um dilema moral e tático”, escreveu Bronwen Maddox, diretora da Chatham House, em análise sobre a ação na Venezuela publicada no fim de semana.

Por José Henrique Mariante (Folhapress)